

Filosofia Moral: ética, metaética e historiografia filosófica a partir das ideias de Leônidas Hegenberg

Prof. Dr. Flávio Edmundo Novaes Hegenberg
(FATESF, Jacareí – SP – Brasil)
flavio.leeds@gamil.com

Resumo: O presente ensaio discute Filosofia Moral (ética e metaética) a partir de algumas obras escritas por Leônidas Hegenberg (1925-2012). Iniciamos a partir de comentários gerais que nos fornecem um embasamento geral para a discussão. Discutimos brevemente o “lado pessoal” do filósofo. Oferecemos algumas definições e conceitos relevantes (estabelecendo um “enquadramento” para o texto). Passamos então para um capítulo que considera assuntos de “moral, psicologia, economia e direito”. Há então a exposição de algumas discussões e conclusões (mesmo que incompletas e parciais). O texto oferece várias “propostas para futuras pesquisas” e encerra-se com “palavras finais” oferecendo novas reflexões filosóficas.

Palavras-chave: Leônidas Hegenberg; Filosofia Moral; Ética; História da Filosofia.

1. Considerações iniciais

O objetivo do presente texto é o de discutir Filosofia Moral tendo como referência algumas obras do Professor Dr. Leônidas Helmuth Baebler Hegenberg (Curitiba, Paraná, 14 de março de 1925 – São José dos Campos, São Paulo, 28 de novembro de 2012). Leônidas escreveu dois livros especificamente a respeito do assunto (veja Hegenberg 2010a e 2010b; livros que serão aqui citados como “Ética” e “Metaética”). Quando ele os produziu, produziu sozinho; mas desejava minha participação (mesmo que tratando somente de questões ligadas à economia e ao meio ambiente). Serei audacioso e buscarei “completar” algumas das ideias que poderiam ter sido ditas com minha participação.

Lembro os leitores que já tenho certa prática no trato de assuntos filosóficos e humanísticos (a partir de obras como): Hegenberg (2007a e 2007b), Hegenberg & Ferreira da Silva (2008), Hegenberg (2008), e Hegenberg & Hegenberg (2009), e Hegenberg, Araújo-Jr., Hegenberg (2012). As obras listadas devem ser lidas para uma visão abrangente e para um apropriado embasamento teórico e histórico que permita compreender a ética segundo Leônidas Hegenberg.

2. Alguns Comentários

Com a exceção de minha mãe (Leila) e do Professor Octanny Silveira da Mota (Advogado e ex-professor do ITA; seu grande amigo desde a infância), acredito que eu tenha sido a pessoa que mais conviveu com Leônidas (sou o terceiro dos quatro filhos que teve). Sinto-me imbuído por uma vontade de compreender a trajetória desse grande professor e filósofo que atuou no ITA, na USP, na PUC-SP, aqui na UFSJ (e várias outras instituições de ensino). Espero que minha modesta

contribuição sirva como reflexão acerca de filosofia moral (a partir de um apanhado analítico, histórico e “personalista”).

A memória do ser humano é ainda cercada de mistérios e dúvidas. Considero aqui os campos da neurociência e da psicologia (Foster, 2011). Como disse Jonathan K. Foster (op cit, p. 147): “A memória cumpre um papel na compreensão, no aprendizado, nos relacionamentos sociais e em muitos outros aspectos da vida”. Digo isto para relatar que minha memória ligada ao nosso tema de estudo, o Professor Leônidas (a partir de agora citado como “LH”), é muito forte e porque muito do que aprendi (e sou) academicamente é resultado de sua influência e orientação.

Emprestando uns dizeres do escritor português Nuno Camareiro (Rodrigues, 2012): “Quem é muito feliz não precisa escrever porque está ocupado em viver, mas há sempre uma angústia, uma melancolia, na maioria dos escritores que os empurra para a escrita. É um pouco quase como fazer psicanálise: uma maneira de explorar aquilo o que nos incomoda para podermos continuar a viver mesmo com isso”. Acredito que havia um pouco deste tipo de angústia em LH (o que certamente ocorre comigo e com a maioria dos acadêmicos que conheço). Uma angústia que nos leva a reflexões mais sofisticadas sobre a vida e sobre o conhecimento humano (não uma angústia “inútil e depressiva”; e sim “angústia positiva e produtiva” se assim pudermos considerar).

Tal angústia deve-se, em parte, às incertezas do saber.

O saber não é um conceito tão preciso como geralmente se diz. Ao invés de dizer *eu sei isto*, deveríamos dizer: *eu sei mais ou menos algo que se parece mais ou menos a isto*. (...) não basta reconhecer que todo o nosso conhecimento é, em maior grau, incerto e vago; é necessário que, ao mesmo tempo, aprendamos a agir baseados na melhor hipótese, sem que acreditemos nela dogmaticamente (RUSSELL, 1956, p. 82).

John Stuart Mill (1806-1873) considerava que: “É melhor ser uma pessoa insatisfeita do que um porco satisfeito; melhor ser Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito” (*Ética*, p. 119). A maioria dos intelectuais, portanto, estimulam “sonhos de genialidade” de modo a desenvolver o mais plenamente possível seu potencial.

3. Algo pessoal: adjetivos, verbos, advérbios, grego e latim

Em razão da grande importância que LH dava à linguagem, e à língua portuguesa em especial, registro agora alguns adjetivos, verbos e advérbios com a finalidade de homenageá-lo e de mostrar que o estudo da *Ética* e da *Metaética* depende muito da linguagem e dos significados contidos nas palavras e sentenças com elas construídas.

Substantivo – escolhendo nosso nome: Leônidas. Adjetivo – (caracteriza o substantivo) indicando qualidade, estado, modo de ser. Estudioso, germano-curitibano, amigo, sábio, fértil, livre, original.

Verbo – exprimindo ação, estado, fenômeno da natureza (situando no tempo). Apreciava *agir* academicamente. Buscava *arguir* em suas aulas de modo a consolidar o conhecimento dos estudantes. Sua capacidade de *construir* textos era notável. *Ler* era sua atividade principal (lia muito bem em português, inglês, alemão, francês, italiano, espanhol). Apreciava *ouvir* músicas (e.g. Schubert; Frank Sinatra). Possuía incansável necessidade de *saber*. Gostava de *viajar*.

Advérbio – modificando verbos, adjetivos e advérbios (exprimindo determinada circunstância). Leônidas chegou *cedo* ao mundo (pois nasceu prematuro, de sete meses). *Calmamente* conduzia suas aulas. *Não* se conformava com a ignorância; *tampouco* com a falta de mobilização para superá-la. Apreciava *muito* os estudos, as boas leituras, as aulas bem estruturadas. Foi *efetivamente* um bom comunicador.

Alma Mater studiorum é um bom começo para definir o *modus vivendi* de Leonidas; tomando como “matriz (fonte, mãe) dos estudos” a Universidade e seus produtos. *Docendo discimus* (ensinando, aprendemos). A partir dos estudos, pesquisas e da prática de ensino nos transformamos em *homo faber*, em homens que produzem suas ferramentas e com elas podem conscientemente transformar o ambiente e o mundo.

Repetitio est mater studiorum (A repetição é a mãe dos estudos). Devemos praticar e exercitar nossas capacidades intelectuais. A reflexão filosófica não deve ser improvisada, fruto do diletantismo; deve ser metódica, sistematizada, coordenada, isenta de arrogâncias. *Scio me nescire*: “sei que não sei” é um ditado maravilhoso atribuído a Sócrates. A verdadeira filosofia significa colocar supostas verdades e determinados conhecimentos à prova e questionar por tanto tempo, até que se possa penetrar no âmago das coisas (e trazer à luz a verdade).

4. Definições, conceitos e palavras

Ética refere-se, geralmente, aos padrões morais pelos quais as pessoas conduzem suas vidas. Na filosofia moral, mais especificamente, a ética trata do estudo teórico dos valores e da conduta dos humanos. Uma ramificação, a *ética normativa*, busca tratar de assuntos tais como “que tipo de vida devemos ter”, e “qual é o verdadeiro valor das coisas”. Alguns consideram que existem “princípios basilares” a respeito do que seja certo ou errado (e que tais princípios devem governar a vida de todas as sociedades; independentemente do que as sociedades venham a pensar o acreditar).

Outros acreditam que nada é absolutamente certo ou errado.

A palavra ética tem sido usada com vários sentidos, nem sempre fáceis de distinguir. Apresentaremos quatro acepções (Ética, 2010: 13-14), ressaltadas a fim de evitar confusões comuns. A primeira acepção indica “um sistema de costumes” adotados por determinado grupo de pessoas. Podemos denominá-los “ética do grupo” (*i.e.*, ética dos advogados, ética dos professores, etc.).

Uma segunda acepção direciona suas atenções ao que podemos denominar “moralidade”, gravitando em torno de noções como “certo, errado, culpa, vergonha”. Uma terceira acepção o termo ética aludem aos “princípios morais” (atos não condenáveis). A quarta (e última) acepção da palavra pode ser examinada como particular área da filosofia, encarregada do estudo do tema quando outros sentidos são atribuídos ao termo. É oportuno lembrar que muitas questões éticas são analisadas por diferentes disciplinas (*e.g.*, metafísica, estética) e que, a par disso, justificção de certos comportamentos depende de crenças e de bom senso que escapam dos terrenos [exclusivamente] filosóficos.

O desenvolvimento moral apresenta “estágios” (quanto a seu desenvolvimento). São seis estágios em três níveis (Ética, 2010: 22). O Primeiro Nível (“Pré-moral”; do nascimento até os 7 anos de idade) engloba os estágios (1) Obediência - punição (obedecer para evitar punição) e (2) Hedonismo ingênuo (buscar elogios e retribuição de favores). O Segundo Nível (“Convencionalismo / conformismo”; dos 7 aos 13 anos) trata dos estágios: (3) Moralidade do “bom sujeito” (manter boas relações e evitar desaprovações) e (4) Moral da manutenção da autoridade (evitar censura provinda de autoridades). O Terceiro Nível (Moralidade dos “princípios aceitos”; após os 14 anos de idade) considera: (5) Moral do contrato e da lei aceita (merecer o respeito de espectadores imparciais) e (6) Moral dos princípios individuais (impedir a autocondenação).

5. Moral, Psicologia, Economia, Direito: comportamentos, custos e leis

É oportuno relembrar as observações de Abraham Maslow (1908-1970) sobre motivação humana [ligando questões do desenvolvimento moral do indivíduo com o da sociedade] e o que ele configurou como “hierarquia das necessidades” (In: Stangroom, 2008: 60-61). Uma filosofia existencial e uma *ética de vida* dependem, portanto, do potencial do ser humano e das possibilidades oferecidas pelo meio-ambiente e pela sociedade (de modo a realizar o potencial humano). Há uma hierarquia das necessidades, partindo das necessidades (a) fisiológicas básicas (*e.g.* alimento, moradia), passando pelas (b) necessidades de segurança, (c) de posse e amor, até

chegar às (d) necessidades de estima, (e) de conhecimento e entendimento, (f) estéticas, e, finalmente, (g) necessidades de auto-realização (de cada um se tornar tudo o que é capaz de se tornar).

A força motivadora das “etapas superiores” só pode atuar (e prosseguir) quando as necessidades de níveis inferiores forem satisfeitas. Quanto mais alto progredir a hierarquia de um indivíduo (e da sociedade), menos suas necessidades estarão relacionadas à biologia e às condições físicas do meio, e mais dependerão de sua experiência de vida. Assim sendo, condições como as ligadas ao ensino e aos recursos econômicos da sociedade (e o acesso a tais recursos), assumem extrema relevância.

Podemos perceber aqui que a ética dependerá dos fatores citados por Maslow (veja também George-Junior, 1974, capítulo 12) e de como nos estruturamos para dar-lhes sustentação prática (econômica). Nossas ações têm consequências financeiras e administrativas (exigem recursos ditos *econômicos*). Friedrich Nietzsche (1844-1900) já nos levava a pensar que “uma condição para a sobrevivência da sociedade é um sistema de trocas que tornam indispensável uma atribuição de valores às mercadorias. Nessa fixação de valores para as coisas estaria a origem da racionalidade humana” (*Ética*, p. 132).

De acordo com John Rawls (1921-2002), para assegurar uma sociedade justa e moralmente aceitável, temos que seguir dois princípios básicos (citado por LH, In: *Ética*, p. 148): (1) Cada indivíduo deve ter direitos iguais num contexto de liberdades básicas onde é possível compatibilizar um sistema igualitário de liberdade para todos, e (2) Desigualdades econômicas e sociais devem ser coordenadas de forma a permitir que (a) seja possível promover o maior benefício para os menos privilegiados e, ao mesmo tempo, (b) haja possibilidades de trabalho e ascensão para todos em um contexto de justiça e igualdade de oportunidades.

No caso do Brasil, justiça, igualdade de oportunidades e de trabalho dependem muito do acesso à escola e da qualidade do ensino nas escolas. Tais questões ainda estão mal resolvidas no país. Como evidência do problema brasileiro podemos citar o *Programa Internacional de Avaliação de Alunos* (PISA), “teste de qualidade de ensino desenvolvido pela OCDE [onde] descobrimos que os 25% mais ricos do Brasil têm desempenho educacional pior que os 25% mais pobres dos países desenvolvidos” (Ioschpe, 2012: 83).

Será que conseguiremos preparar cidadãos virtuosos no Brasil? Será que nossas leis são efetivas para as práticas necessárias a uma vida ética?

Com Sócrates (470-399 a.C.) aprendemos que a “moral tem por objetivo primordial a

formação do indivíduo, a preparação do cidadão virtuoso, ou seja, o cidadão capaz de conduzir de modo adequado a vida das cidades”. (...) Platão (427-348 a.C.) “sustenta que a noção de justiça não pode ser pessoal e deve independer do tempo. ... em *A República*, Glaucon afirma que a lei resulta de um *contrato* que os homens firmam com o propósito de assegurar a justiça” (*Ética*, p. 60).

“... a vida em sociedade impõe restrições ao comportamento” (*Ética*, p. 52). Aristóteles (384-322 a.C.) considerava algumas “disciplinas que têm por objetivo a ação. Estas recebem o nome de *práticas*. Entre elas, a *política* (ensina como governar), a *retórica* (ensina a persuadir) e a *ética* (ensina como agir visando ao bem viver” (*Ética*, p. 61).

É momento agora de falar sobre “escolhas”. Considerando ideias de Soren Kierkegaard (1813-1855), Leônidas Hegenberg (In: *Ética*, p. 126-7) nos diz que: “O Homem não é coisa fixa. Modifica-se pela escolha e dá forma à personalidade pelo exercício de sua liberdade de escolher. Resumindo, nossa personalidade *vai-se fazendo* em função dos atos que praticamos – consequências de nossas escolhas”.

Estudos de filosofia moral, quando pensamos no caso das “escolhas” devem ser então ligados ao que Apel (1994: 72-72) denominou “microesfera, mesoesfera e macroesfera”. Há, portanto, uma necessidade (ao menos em termos de controle social a partir de uma visão de política econômica), de “ajustar” a macroesfera (que trata dos grandes destinos da Humanidade) à mesoesfera (*e.g.* políticas nacionais) e à microesfera (a esfera íntima do indivíduo). Nossas escolhas (individuais, regionais e globais; de curto de médio e de longo prazos) serão então limitadas e direcionadas?

6. Algumas Discussões e Conclusões

Existem três éticas? (como nos leva a pensar Fernand Braudel, 1997, In: Chartier, 2010: 65-66, fazendo uma analogia com os estudos históricos)? Assim como alegam a existência de uma “história factual” (inscrita no tempo curto; micro-história), de uma “história conjuntural” (em ritmo mais largo e lento), e uma “história estrutural” (de longa duração; colocando em jogo séculos inteiros; no limite do móvel e do imóvel), podemos considerar uma “ética factual”, uma “ética conjuntural”, e outra “ética estrutural”? [complementando a ideia de microesfera, mesoesfera e macroesfera]?

(...) a ética não deixa de considerar as aplicações à vida real. Aristóteles já dizia que não tem muito sentido estudar ética sem cogitar de benefícios que esse estudo possa trazer para as agruras que as pessoas devem enfrentar. Por esse prisma, a medicina tem sido uma das mais importantes áreas em que a ética tem tido papel de relevo

(Ética, 2010: 15).

Pensando dessa forma podemos aceitar a ideia de “ética factual”.

Uma observação específica sobre nosso autor: a interpretação da importância de LH no campo da Filosofia tem ocorrido de modo pontual. Normalmente seus leitores consideram uma ou poucas de suas obras ou períodos (mais foco foi dado para suas produções dos anos 1960 e 1970). É preciso agora contemplar o conjunto (que é extenso; não será trabalho fácil)!

Grande parte dos especialistas que investigam a obra de LH concentraram-se em trabalhos como “Introducción a la filosofía de la ciencia” (Hegenberg, 1968), “Explicações científicas” (Hegenberg, [1969] e 1973), “Definições: termos teóricos e significado” (1974), “Significado e conhecimento” (1975), “Lógica, simbolização e dedução” (1975), “Etapas da investigação científica: observação, medida, indução” (1976), “Etapas da investigação científica: leis, teorias, método” (1976).

Precisamos executar novas avaliações de seu trabalho levando em conta os trabalhos mais recentes como “Saber de e saber que” (2002), “Livros, sempre” (editado por Andrade e Silva, 2003), seu “Pequeno dicionário de pequenas dificuldades” (2004; em conjunto com a Professora Marilúze aqui da UFSJ), “Novo Dicionário de Lógica” (Hegenberg e Andrade e Silva, 2005), “Lógica: cálculo sentencial, cálculo de predicados, cálculo com igualdade” (Hegenberg, 2012), os três volumes de “Mais palavras: fragmentos de velhas anotações” (2011, 2011 e 2012), entre outros livros já citados.

A obra de LH é tão vasta que até aqui acredito que somente citei alguns de seus livros (foram mais de 50 livros publicados)! Devemos considerar também a importância de suas traduções (de livros do inglês, do alemão, do francês, por exemplo). Leônidas (normalmente em parceria com o já citado professor Silveira da Mota) traduziu mais de 70 livros. Além disso, foram 45 contribuições [somente para o período de 1951-2000] para a *Revista Brasileira de Filosofia* (“RBF”). De acordo com minhas observações (estudando o “Índice da Revista Brasileira de Filosofia, 1951-2000”, veja CDPB, 2005) acredito que somente Antonio Paim (com 74 contribuições) e Miguel Reale (com 76) tenham publicado mais do que Leônidas na famosa “RBF”.

LH não parou de escrever. A título de exemplo, em 2008 ele fez ao menos três contribuições para a já citada RBF (Hegenberg, 2008a, 2008b, 2008c). Escreveu também para a *Revista Portuguesa de Filosofia* (Hegenberg, 1999) e para a espanhola “Información Filosófica: revista internacional de filosofía y ciencias humanas” (Hegenberg, 2004). Também escreveram sobre LH: veja artigo de Julio Cabrera no periódico mexicano “Ergo: revista de filosofía” (CABRERA, 2007).

Interessante notar que o período entre 2000 e 2012 (até poucos dias antes de sua morte) foi um dos períodos mais férteis de sua vida intelectual. Sabendo disso já é possível inferir que as avaliações sobre a obra de LH estão incompletas (e desatualizadas). Esta a razão que dedico uma parte deste texto sugerindo futuras pesquisas.

7. Propostas para Futuras Pesquisas

Considerando a falta de espaço e a riqueza do assunto, podemos elaborar perguntas de pesquisa para futuros trabalhos. Por exemplo:

(a) Qual a influência do trabalho do teólogo norte-americano Russell Norman Champlin (nascido em 1933) sobre o trabalho ético e filosófico de Leonidas Hegenberg? Ler Champlin (s/d).

“Vivemos em um instante em que a noção de *sagrado* necessita de revisão. Embora, a rigor, a religião esteja “fora do mundo”, ela é pragmática. Precisa transformar o ser humano, mas também precisa reformular o mundo” (*Ética*, p. 47). “A Bíblia contém um relato de intenções moralizadoras, com elementos religiosos morais e legais. Como principal elemento religioso apresenta uma ideia de Deus, visto como autoridade e, ao mesmo tempo, modelo que deve ser imitado” (*Ética*, p. 75).

A influência dos escritos e da amizade do Prof. Dr. Champlin (com quem LH conviveu intelectualmente por aproximadamente 30 anos; interessando-se por suas ideias e textos) é relevante do ponto de vista do estudo da ética a partir do conhecimento da teoria da religião. É relevante lembrar aqui que todos os seis volumes da obra do Dr. Champlin (“O Novo Testamento Interpretado”, seis volumes de tamanho enciclopédico e produzido com “fonte” contendo *letras (grafia) de pequeno tamanho*, com um total de quatro mil e trezentas e quarenta e duas páginas – uma obra monumental em volume e qualidade), foram dedicadas a dois professores: Jacob Geerlings (grande conhecedor do Novo Testamento), e Leônidas Hegenberg (“Meu amigo, filósofo por excelência”, como registrou Champlin no início de sua grande obra).

O Professor Champlin também registra “homenagem” ao amigo Leônidas em outra obra (Champlin & Bentes, 1991; enciclopédia em seis volumes, com um total de cinco mil e trezentas e noventa e oito páginas).

(b) Qual a influência dos profissionais da área médica sobre a visão de ética em LH?

Tal trabalho deve ser executado a partir de duas fontes principais: (1) os médicos da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que participaram de cursos de Filosofia com Leônidas em Curitiba (de 1975 a 1982) e (2) o livro editado pela FIOCRUZ (Hegenberg, 1998), que trata da

Filosofia da Medicina (que acredito ser o primeiro do assunto publicado no Brasil). O citado livro, de Iatrofilosofia, é comentado por Fermin Roland Schramm (Professor de Filosofia da Ciência e Ética Aplicada da Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ), como “obra que deveria estar nas estantes de todos aqueles que se ocupam de medicina e saúde pública ... para poder lê-lo e, sobretudo, relê-lo.]No livro] a problemática complexa do adoecer é abordada a partir dos olhares específicos da Estatística, da Lógica, da Filosofia Analítica de língua inglesa e da Hermenêutica de tradição alemã” (Schramm, In: Hegenberg, 1998).

A ética, vista a partir da medicina, nos leva a pensar sobre: (a) questões filosóficas ligadas à medicina, à biologia e à saúde pública, (b) assuntos psicológicos e psicanalíticos (e seus efeitos sobre indivíduos e sociedades), (c) “conceito de doença” *versus* “conceito de saúde”, (d) prática médica e hospitalar, (e) objetivos do ensino na Medicina, (f) “corpo e mente”, (g) relações entre médico, doença e paciente, (h) “normalidade” em medicina (entre vários outros assuntos de relevância para a Filosofia Moral).

(c) Como organizar as “quatro grandes questões investigadas por Kant” (1724-1804) de acordo com o modelo histórico aqui apresentado?

LH, em seu livro *Ética* (p. 99) enumera tais questões: (1) Que posso conhecer? (Teoria do conhecimento), (2) Que devo fazer? (Ética), (3) Que me é lícito esperar? (Filosofia da religião), e (4) Que é o ser humano? (Antropologia). No caso específico da ética de Kant, assumimos que “é *deontológica*, significando isso que se volta para a moralidade do dever. Toda a teoria kantiana está assentada no dever. Agir moralmente é proceder em consonância com nosso dever – e nosso dever é respeitar as leis morais inatas. A ética se concentra na moralidade das ações, deixando de lado as consequências das ações. Tem caráter absoluto, uma vez que a moralidade de uma ação ignora a situação em que seja praticada” (*Ética*, p. 113). Seria uma “ética estrutural”? [Lembrar o que foi dito no início do capítulo 6].

(d) Como incorporar elementos de teoria da administração e teoria econômica aos estudos sobre ética? Estaríamos aqui tratando de uma “ética conjuntural”?

“*Administração* é o processo de fixar e realizar objetivos, influenciando o comportamento humano dentro de um ambiente adequado. Os *administradores* criam o ambiente propício ao desempenho de certos atos por outros indivíduos – atos esses que realizarão o objetivo da empresa, correntemente chamado meta da empresa, assim como realizarão um ou mais objetivos dos

indivíduos participantes. *Determinar os objetivos coletivos de um empreendimento e gerar um ambiente favorável à sua consecução é, portanto, a função total de um administrador*” (GEORGE-JÚNIOR, 1974, p. 237).

“Em 1937 Raymond Moley declarou que, embora a administração continuasse sendo, legal e eticamente, um agente primário do investidor, a sua responsabilidade secundária para com o público e os trabalhadores tornara-se relativamente maior. (...) Em maio de 1951, Frank Abrams, escrevendo na *Harvard Business Review*, enunciou a nova filosofia quando indicou que a missão da administração era conduzir os negócios da empresa de tal modo que se mantivesse um equilíbrio justo entre as pretensões dos vários grupos interessados”. Desde a década de 1960 tais ideias sobre o comportamento e as responsabilidades das empresas (e das organizações em geral) vêm incorporando e aceitando como parte de sua ação: (1) responsabilidade social, (2) manutenção de preços a um nível compatível com uma economia saudável, não os elevando a um ponto que seja considerado criticamente inflacionário, (3) treinamento dos desempregados, (4) reconhecimento e intervenção ativa em torno dos problemas de poluição (GEORGE-JÚNIOR, 1974, p. 257-8).

As ideias ligadas à participação mais ética da administração, da economia e dos negócios em geral tem passado por grandes transformações (o que também envolve a Política nacional e internacional); incluindo novas e importantes ideias aos debates ligados ao comportamento dos indivíduos e das sociedades. A partir da década de 1990 a ideia de um “capitalismo *stakeholder*” vem adicionando novos elementos aos debates éticos (veja KELLY; KELLY; GAMBLE, 1997).

(e) Como pensar questões éticas tendo em vista as condições de recursos ambientais e naturais (e.g. florestais, geográficos e territoriais, geológicos, hídricos, agrícolas) dentro de um contexto de desenvolvimento sustentável (pensando a ação e o trabalho e a função do ser humano)?

O assunto é extremamente relevante nos dias atuais. Trata-se de algo de complexidade “transdisciplinar” (como considerado por Nicolescu, 1999). Muitos assuntos devem ser considerados, interligados; devemos pesquisar “entre, através e além” dos campos disciplinares de modo a melhor compreender o mundo (buscando uma unidade de conhecimento): uma *ética de integração*.

A seguir, a título de sugestão, listo algumas obras que podem fazer parte desta desejada *ética de integração transdisciplinar*: Ab’Sáber (1996), Braga *et al.* (2002), CNUMAD (2001), Fernie & Pitkethly (1985), Goodman & Redclift (1991), Machado (1989), Paterson (1976), Santos & Silveira (2001), Suslick, Machado e Ferreira (2005), Thomas (2010), Trigueiro (2003), Villiers (2002).

Penso aqui no trabalho como ação e, portanto, com implicações éticas. Como disse Friedrich Engels (1820-1895); veja texto:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. E o é, de fato, ao lado da Natureza, que lhe fornece a matéria por ele transformada em riqueza. Mas é infinitamente mais do que isso. É a condição fundamental de toda a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem (ENGELS, 1979, p. 215).

Contribuindo com um caso específico ligado aos recursos geológicos, podemos considerar o caso da construção civil e da habitação no Brasil e a persistente falta de moradias de qualidade para grande parte da população (levando em conta que por volta de 28% da população brasileira vive em favelas). Carta (2012) cita que as Nações Unidas (ONU) nos informa que “28% da população brasileira mora em favelas”, sem contar quem vive nos inúmeros grotões do País.

No Brasil não faltam rochas (usadas para fundações e para fabricação de cimento), e não falta areia, não falta argila (para tijolos, cerâmicas e porcelanas), temos muito minério de ferro (elemento usado em vigas estruturais). Porque então a construção de casas fica tão inacessível para uma parcela tão grande da população brasileira sabendo que as casas são feitas a partir de materiais derivados dos produtos geológicos acima citados? (que são extremamente abundantes no Brasil)! Seria um problema geológico ou simplesmente ético? Porque o preço de terrenos é tão alto (pois inacessível para milhões) no país com o quinto maior território do mundo? Tal “problemática geológico-territorial” seria decorrência de corrupção? ... burrice? (esses dois fatores e mais vários outros conjugados)?

8. Considerações finais

Alguns dizeres (para reflexão):

“A vida é tão curta e o ofício tão extenso para nosso aprendizado” (dito por Chaucer; In: *Ética*, p. 51).

“Ninguém pode ser perfeitamente livre até que todos sejam livres; ninguém pode ser perfeitamente moral até que todos o sejam; ninguém pode ser perfeitamente feliz até que todos sejam felizes” (Herbert Spencer, In: *Ética*, p. 151).

“Preocupe-me em não ridicularizar as ações humanas, não lamentá-las nem odiá-las, mas compreendê-las” (Spinoza, In: Larrauri, 2009: 26).

“Ninguém sabe que coisa quer, ninguém conhece que alma tem, nem o que é mal nem o que é bem” (Fernando Pessoa).

É preciso pesquisar muitos assuntos filosóficos. Necessário é estudar: ética, teoria moral; metaética, filosofia de conceitos e teorias morais (de princípios e teorias éticas); axiologia, teoria filosófica dos valores, como, por exemplo, o bem, o belo, a verdade, o sagrado; metaaxiologia, filosofia de conceitos e teorias do valor; praxiologia, teoria da ação; metapraxiologia, filosofia de conceitos e teorias relativas à ação; etc. (*Metaética*, p. 34). (...) e tudo desemboca nas ações, que implicam algum tipo de moralidade, que podem ser então avaliadas do ponto de vista da ética – seja factualmente (microesfera), conjunturalmente (mesoesfera), ou estruturalmente (macroesfera).

Referências:

AB'SÁBER, A. N. *A Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996.

ANDRADE E SILVA, Marilúze F. (editoração) *Livros, sempre: resenhas de Leonidas Hegenberg*. São João Del Rei: UFSJ, 2003.

APEL, K.O. *Estudos de moral moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRAGA, B. (et al.) *Introdução à Engenharia Ambiental*. São Paulo: Pearson, 2002.

BRAUDEL, F. *Les Ambitions de L'Histoire*. Paris: Fallois, 1997.

CABRERA, J. Tres graus de divergencia lógica: Hegenberg, Da Costa, Sampaio, *Ergo: revista de filosofia* (Universidad Veracruzana, México), n. 20 (marzo), 2007, p. 7-37.

CARTA, M. O País traído: a prepotência, a insensibilidade e a burrice da casa-grande impediram que o Brasil fosse o que merece ser, *Carta Capital*, 26 de Agosto, 2012, p. 16.

CDPB [Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro] *Índice da Revista Brasileira de Filosofia, 1951-2000*. Salvador: CDPB, 2005 [organizado por Marta S. D. Santos e Iara C. M. de Albuquerque].

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. Guaratinguetá: Sociedade Religiosa “A Voz Bíblica” Brasileira, s/d [em seis volumes: vol. 1 “Artigos Introdutórios, Mateus, Marcos” com 806p.; vol 2 “Lucas, João”, 661 p.; v. 3 “Atos Romanos”, 887 p.; v. 4 “I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios”, 652 p.; v. 5 “Tiago, I Pedro, II Pedro, I João, II João, III João, Judas, Apocalipse”, 666 p.; vol. 6 “Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito, Filemom, Hebreus”, 670 p.; total de 4342 páginas].

CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1991 [v. 1 (“A-C”), com 1039 páginas; vol. 2 (“D-G”) 995 p.; v. 3 (“H-L”) 935 p.; v. 4 (“M-O”) 652 p.; v. 5 (“P-R”) 750 p.; v. 6 (“S-Z”) 1027 p.].

CHARTIER, R. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CNUMAD *Agenda 21: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*

- (1992: Rio de Janeiro). 3 ed. Brasília: Senado Federal, 2001.
- ENGELS, F. *A Dialética da Natureza*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FERNIE, J.; PITKETHLY, A. S. *Resources: environment and policy*. London: Paul Chapman, 1985.
- FOSTER, J. K. *Memória*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- GEORGE-JÚNIOR, Claude S. *História do Pensamento Administrativo*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- GOODMAN, D.; REDCLIFT, M. (editors) *Environment and Development in Latin America: the politics of sustainability*. Manchester University Press, 1991.
- HEGENBERG, F. E. N. (org.) *Resenhas de Leonidas Hegenberg, 1998-2003: filosofia, lógica e história*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007a.
- _____. (org.) *Resenhas de Leonidas Hegenberg, 2004-2006: matemática, filosofia, linguagem, ficção*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007b.
- _____. (org.) *Ensaio de Leonidas Hegenberg*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- HEGENBERG, F. E. N.; FERREIRA DA SILVA, M. (organizadores) *Leonidas Hegenberg: um pensador brasileiro*. Rio de Janeiro: Pós-Moderno, 2008.
- HEGENBERG, L. Corpo – Mente (nova fase). *Información Filosófica* (Revista Internacional de Filosofia y Ciencias Humanas), v. 1, n. 1, 2004, páginas 88-100.
- _____. *Definições: termos teóricos e significado*. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1974.
- _____. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- _____. *Etapas da investigação científica: observação, medida, indução*. v. I. São Paulo: EPU-EDUSP, 1976.
- _____. *Etapas da investigação científica: leis, teorias, método*. v. 2. São Paulo: EPU-EDUSP, 1976.
- _____. *Explicações científicas*. São Paulo: EPU-EDUSP, 1973.
- _____. *Filosofia Moral: ética*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010a.
- _____. *Filosofia Moral: metaética*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010b.
- _____. *Filosofia no século XX: contribuição para um balanço*, *Revista Portuguesa de Filosofia* (Braga), outubro-dezembro, 1999, v. 55, fasc. 4, páginas 517-533.
- _____. *Introdução à filosofia da ciência*. São Paulo: Herder, 1965.

- _____. *Introducción a la filosofía de la ciencia*. Barcelona: Herder, 1968.
- _____. *Lógica: cálculo sentencial, cálculo de predicados, cálculo com igualdade*. Rio de Janeiro: Forense-GEN, 2012.
- _____. *Lógica: simbolização e dedução*. São Paulo: EPU-EDUSP, 1975.
- _____. *Mais palavras: fragmentos de velhas anotações, 1945-1948*. v. 1. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- _____. *Mais palavras: fragmentos de velhas anotações, 1949-1958*. v. 2. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- _____. *Mais palavras: fragmentos de velhas anotações, 1959-1970*. v. 3. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- _____. [RBF] Baggini, Julian & Peter S. Fosl: The philosopher's toolkit [resenha, p. 230-234] para a *Revista Brasileira de Filosofia*, v. LVI (abril-maio-junho), 2008 (c).
- _____. [RBF] Bennett, Deborah J.: Logic made easy: how to know when *language deceives you* [resenha, p. 225-230] para a *Revista Brasileira de Filosofia*, v. LVI (abril-maio-junho), 2008 (b).
- _____. [RBF] Walton, Douglas: Fundamentals of critical argumentation [resenha, p. 75-82] para a *Revista Brasileira de Filosofia*, v. LVI (janeiro-fevereiro-março), 2008 (a).
- _____. *Saber de e saber que: alicerces da racionalidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Significado e conhecimento*. São Paulo: EPU-EDUSP, 1975.
- HEGENBERG, L. e ANDRADE E SILVA, M. F. *Novo Dicionário de Lógica*. Rio de Janeiro: Pós-Moderno, 2005.
- _____. *Pequeno dicionário de pequenas dificuldades*. São João Del Rei: UFSJ (Laboratório de Lógica e Epistemologia), 2004.
- HEGENBERG, L.; ARAUJO-Jr., A. H.; HEGENBERG, F. E. N. (orgs.) *Métodos de Pesquisa: de Sócrates a Marx e Popper*. São Paulo: Atlas, 2012.
- HEGENBERG, L.; HEGENBERG, F. E. N. *Argumentar*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- IOSCHPE, G. *O que o Brasil quer ser quando crescer?* São Paulo: Paralela, 2012.
- KELLY, G.; KELLY, D.; GAMBLE, A. *Stakeholder Capitalism*. London: Macmillan, 1997.
- LARRAURI, M. *A Felicidade segundo Spinoza*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- MACHADO, I. F. *Recursos Minerais: política e sociedade*. São Paulo: Edgard Blücher, 1989.

- NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- PATERSON, J. H. *Land, Work and Resources: an introduction to economic geography*. London: Edward Arnold, 1976.
- RODRIGUES, M. F. Como Nasce um Escritor. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de dezembro de 2012, Caderno 2, p. D1 [Comentários sobre o livro “No Meu Peito Não Cabem Pássaros”, de Nuno Camareiro].
- RUSSELL, B. *Ensaio Impopulares*. São Paulo: C. E. Nacional, 1956.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- STANGROOM, J. *Pequeno Livro das Grandes Ideias: filosofia*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- SUSLICK, S. B.; MACHADO, I. F.; FERREIRA, D. F. *Recursos Minerais e Sustentabilidade*. Campinas: Komedi, 2005.
- THOMAS, K. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TRIGUEIRO, A. (coordenador) *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- VILLIERS, M. *Água: como o uso deste precioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do século XXI*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Escala, 2008.

Moral Philosophy: Ethics, metaethics and philosophical historiography from Leonidas Hegenberg ideas

Abstract: The present text discusses Moral Philosophy (ethics and meta-ethics) having as a starting point selected academic texts (mainly books) published by philosopher-mathematician Professor Leonidas Hegenberg (1925-2012). We start by offering some general comments in order to provide the foundation for further philosophical discussions. Brief elements concerning Leonidas's personal life are included. We then continue with “definitions and concepts”, relevant in order to complete our picture for the discussion of Ethics. The next chapter considers more complex subjects concerning “morality, psychology, economics and law”. At this point we arrive to some “discussions and conclusions” (even if partial and incomplete). The text then continues by suggesting “proposals for future research” and closes with some “final words” which are continued philosophical reflections.

Keywords: Leonidas Hegenberg; Moral Philosophy; Ethics; History of Philosophy.

Data de registro: 31/05/2013
Data de aceite: 23/08/2013